

Ministério da Educação – MEC
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Diretoria de Educação a Distância – DED
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Programa Nacional de Formação em Administração Pública – PNAP
Bacharelado em Administração Pública

MACROECONOMIA

Luiz Fernando Mählmann Heineck



2010

© 2010. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Todos os direitos reservados.

A responsabilidade pelo conteúdo e imagens desta obra é do(s) respectivo(s) autor(es). O conteúdo desta obra foi licenciado temporária e gratuitamente para utilização no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, através da UFSC. O leitor se compromete a utilizar o conteúdo desta obra para aprendizado pessoal, sendo que a reprodução e distribuição ficarão limitadas ao âmbito interno dos cursos. A citação desta obra em trabalhos acadêmicos e/ou profissionais poderá ser feita com indicação da fonte. A cópia desta obra sem autorização expressa ou com intuito de lucro constitui crime contra a propriedade intelectual, com sanções previstas no Código Penal, artigo 184, Parágrafos 1º ao 3º, sem prejuízo das sanções cíveis cabíveis à espécie.

H468m Heineck, Luiz Fernando Mählmann
Material complementar : macroeconomia / Luiz Fernando Mählmann Heineck. –
Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES :
UAB, 2010.
178p. : il.

Inclui bibliografia
Bacharelado em Administração Pública
ISBN: 978-85-7988-008-7

1. Macroeconomia. 2. História econômica. 3. Política monetária. 4. Educação a distância.
I. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). II. Universidade
Aberta do Brasil. III. Título.

CDU: 330.101.541

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Fernando Haddad

PRESIDENTE DA CAPES

Jorge Almeida Guimarães

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR

Álvaro Toubes Prata

VICE-REITOR

Carlos Alberto Justo da Silva

CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

DIRETOR

Ricardo José de Araújo Oliveira

VICE-DIRETOR

Alexandre Marino Costa

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO

CHEFE DO DEPARTAMENTO

Gilberto de Oliveira Moritz

SUBCHEFE DO DEPARTAMENTO

Rogério da Silva Nunes

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Carlos Eduardo Bielschowsky

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Celso José da Costa

COORDENAÇÃO GERAL DE ARTICULAÇÃO ACADÊMICA

Nara Maria Pimentel

COORDENAÇÃO GERAL DE SUPERVISÃO E FOMENTO

Grace Tavares Vieira

COORDENAÇÃO GERAL DE INFRAESTRUTURA DE POLOS

Francisco das Chagas Miranda Silva

COORDENAÇÃO GERAL DE POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO

Adi Balbinot Junior

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO – PNAP

Alexandre Marino Costa
Claudinê Jordão de Carvalho
Eliane Moreira Sá de Souza
Marcos Tanure Sanabio
Maria Aparecida da Silva
Marina Isabel de Almeida
Oreste Preti
Tatiane Michelin
Teresa Cristina Janes Carneiro

METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Universidade Federal de Mato Grosso

COORDENAÇÃO TÉCNICA – DED

Soraya Matos de Vasconcelos
Tatiane Michelin
Tatiane Pacanaro Trinca

AUTOR DO CONTEÚDO

Luiz Fernando Mählmann Heineck

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS DIDÁTICOS CAD/UFSC

Coordenador do Projeto
Alexandre Marino Costa

Coordenação de Produção de Recursos Didáticos
Denise Aparecida Bunn

Supervisão de Produção de Recursos Didáticos
Érika Alessandra Salmeron Silva

Designer Instrucional
Andreza Regina Lopes da Silva
Denise Aparecida Bunn

Supervisão Administrativa
Stephany Kaori Yoshida

Capa
Alexandre Noronha

Ilustração
Igor Baranenko
Adriano S. Reibnitz
Lívia Remor Pereira

Projeto Gráfico e Finalização
Annye Cristiny Tessaro

Editoração
Rita Castelan

Revisão Textual
Claudia Leal Estevão Brites Ramos

PREFÁCIO

Os dois principais desafios da atualidade na área educacional do País são a qualificação dos professores que atuam nas escolas de educação básica e a qualificação do quadro funcional atuante na gestão do Estado brasileiro, nas várias instâncias administrativas. O Ministério da Educação está enfrentando o primeiro desafio com o do Plano Nacional de Formação de Professores, que tem como objetivo qualificar mais de 300.000 professores em exercício nas escolas de ensino fundamental e médio, sendo metade desse esforço realizado pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Em relação ao segundo desafio, o MEC, por meio da UAB/CAPES, lança o Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP). Esse Programa engloba um curso de bacharelado e três especializações (Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde) e visa colaborar com o esforço de qualificação dos gestores públicos brasileiros, com especial atenção no atendimento ao interior do País, por meio de Polos da UAB.

O PNAP é um Programa com características especiais. Em primeiro lugar, tal Programa surgiu do esforço e da reflexão de uma rede composta pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), pelo Ministério do Planejamento, pelo Ministério da Saúde, pelo Conselho Federal de Administração, pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) e por mais de 20 instituições públicas de ensino superior, vinculadas à UAB, que colaboraram na elaboração do Projeto Político Pedagógico dos cursos. Em segundo lugar, esse Projeto será aplicado por todas as instituições e pretende manter um padrão de qualidade em todo o País, mas abrindo

margem para que cada Instituição, que ofertará os cursos, possa incluir assuntos em atendimento às diversidades econômicas e culturais de sua região.

Outro elemento importante é a construção coletiva do material didático. A UAB colocará à disposição das instituições um material didático mínimo de referência para todas as disciplinas obrigatórias e para algumas optativas. Esse material está sendo elaborado por profissionais experientes da área da Administração Pública de mais de 30 diferentes instituições, com apoio de equipe multidisciplinar. Por último, a produção coletiva antecipada dos materiais didáticos libera o corpo docente das instituições para uma dedicação maior ao processo de gestão acadêmica dos cursos; uniformiza um elevado patamar de qualidade para o material didático e garante o desenvolvimento ininterrupto dos cursos, sem as paralisações que sempre comprometem o entusiasmo dos alunos.

Por tudo isso, estamos seguros de que mais um importante passo em direção à democratização do ensino superior público e de qualidade está sendo dado, desta vez contribuindo também para a melhoria da gestão pública brasileira, compromisso deste governo.

Celso José da Costa
Diretor de Educação a Distância
Coordenador Nacional da UAB
CAPES-MEC

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
-------------------	----

Unidade 1 – Macroeconomia

Introdução.....	17
Definição de Macroeconomia.....	21
Um pouco de cinismo em relação à Macroeconomia.....	25
Uma última trincheira.....	28
Problemas macroeconômicos fundamentais: uma lista curta e uma lista longa.....	31
Sucessos e fracassos macroeconômicos.....	34
Antecedentes da Macroeconomia.....	36
O reconhecimento da visão de mercado.....	36
O funcionamento dos mecanismos de mercado.....	38
O surgimento da Macroeconomia Moderna – John Maynard Keynes.....	42
Os condicionantes para o surgimento de uma nova disciplina no campo da Economia.....	42
Um desdobramento importante: as curvas IS-LM.....	48

Unidade 2 – Contabilidade Nacional

Introdução.....	55
Fluxo circular da renda.....	59
A ótica de mensuração do produto.....	61
Os agregados macroeconômicos.....	63
Identidades contábeis.....	66
Economia fechada e sem governo.....	68
Economia fechada e com governo.....	69
Economia aberta e com governo.....	71
Sistema de Contas Nacionais.....	73
Balanço de pagamentos.....	78

Unidade 3 – Oferta e Demanda Agregadas

Introdução.....	87
Oferta agregada.....	88
Uma discussão sobre curto e longo prazo.....	88
Formatos das curvas de oferta.....	91
Deslocamentos e movimentos ao longo da curva de oferta.....	99
A curva de oferta de curto prazo no entorno da curva de produto potencial de longo prazo.....	103
Demanda agregada.....	107
A curva de demanda.....	108
Deslocamentos da curva de demanda e movimentos ao longo da curva de demanda.....	112
Resumo dos componentes da demanda.....	113
Explorando conjuntamente as curvas de oferta e demanda agregadas...114	
O retorno ao ponto de equilíbrio: uma análise do longo prazo.....	121

Unidade 4 – O Modelo IS-LM

Introdução.....	131
O lado IS do modelo.....	133
Vazamentos e injeções.....	135
A dependência da demanda efetiva aos juros.....	138
Desenho e equacionamento da curva IS.....	141
Deslocamento da curva IS e a sua inclinação.....	146
O lado LM do modelo.....	153
A derivação gráfica da curva LM.....	156
Equacionamento matemático da curva LM.....	159
Deslocamentos e inclinações da curva LM.....	163
Trechos clássicos e keynesianos da curva LM.....	165

Unidade 5 – Inflação e desemprego

Introdução.....	173
Inflação: definições e tipos.....	175
A inflação expressa por meio da Teoria Quantitativa da Moeda.....	179
A relação entre inflação, taxa nominal e taxa efetiva de juros: a equação de Fisher.....	183
Males e benefícios da inflação.....	185
A Curva de Phillips.....	187
A relação entre desemprego, inflação e produto na economia.....	187
A Lei de Okun.....	192
Derivação da curva de demanda e oferta agregadas em função da inflação.....	196
A demanda agregada e sua expressão em forma inflacionária.....	197
Geração da curva de oferta agregada em sua forma inflacionária.....	200
Qualidade do emprego.....	208
Componentes da Curva de Phillipis estendida.....	209

Unidade 6 – Políticas econômicas

Políticas econômicas ativistas e não ativistas.....	223
Razões para cautela com políticas econômicas.....	227
Defasagens temporais das intervenções governamentais.....	227
A questão das expectativas.....	231
Credibilidade na condução da política econômica.....	234
Políticas econômicas na prática.....	239
Política monetária.....	239
Política fiscal: antecedentes e o keynesianismo.....	246
Referências Bibliográficas.....	258
Minicurriculo.....	260

APRESENTAÇÃO

Caro estudante,

Estamos iniciando o segundo módulo do curso de Bacharelado em Administração Pública. Você já deve se sentir mais confiante para intervir direta ou indiretamente em seu local de trabalho a partir dos conhecimentos que formam um curso de Administração Pública. Entusiasmados, começamos a pensar em planejar, organizar e controlar as organizações, no entanto, não podemos deixar de lado uma formação mais ampla e que contemple questões de filosofia e ética. Essa perspectiva teórica foi o objetivo maior do primeiro módulo, como você pôde conferir também na disciplina de *Introdução à Economia*. Por meio desta nos foi possível mostrar que existem modelos (numéricos ou puramente conceituais) que dizem como as atividades humanas se comportam quando o foco é produzir, distribuir e avaliar custos e preços em uma sociedade.

Neste novo módulo, vamos buscar uma síntese ainda maior, focando o olhar na Macroeconomia. De certa maneira, esta disciplina aponta balizas gerais às atividades que gostaríamos de levar à frente como administradores. Como princípio a Macroeconomia fundamenta recursos que analisam e impõem limites, freios, marcos ou impedimentos mais amplos a nossa atividade como homens econômicos. Existem condicionantes econômicas gerais que indicam que nem tudo é possível de ser realizado para mudar a sociedade, principalmente no curto prazo.

Este é um momento econômico especialmente significativo em nossas vidas. Estamos no início de um novo século e também de um novo milênio. No entanto, para seguirmos produtivamente

precisamos entender o que aconteceu no passado recente em termos econômicos. A partir de 1800 foram estabelecidas as bases da pujança industrial que hoje nos fazem desfrutar de uma vida confortável; por volta de 1900 este crescimento foi ainda maior, com o deslocamento do eixo de crescimento da economia para a América do Norte e a confrontação da implantação de dois modelos diferentes de economia: um implantado no bloco soviético e outro no mundo capitalista. As guerras, as injustiças sociais e as dificuldades econômicas, localizadas de modo agudo em alguns países não desenvolvidos, trouxeram novas reflexões sobre como organizarmos a nossa vida em sociedade e aonde queremos chegar.

Considerando o novo milênio, a partir de 2000 teríamos a oportunidade de consolidar o progresso havido nos dois últimos séculos: colocar a riqueza da sociedade e as novas tecnologias a serviço de um mundo melhor. Mas eis que estamos diante de uma crise econômica de proporções globais.

Ao final deste curso de Bacharelado em Administração Pública, desejamos ter uma resposta quanto ao nosso desempenho como sociedade na superação dessa crise. Os instrumentos a serem utilizados para esta superação, quer tenham sucesso ou não, serão muito provavelmente descritos ao longo desta disciplina. Assim, começamos o estudo da Macroeconomia em um momento muito adequado para contemplarmos, como estudantes, as responsabilidades dessa disciplina quanto a sua aplicação prática.

Devemos ter em mente que somos assistentes privilegiados das ações de nossos colegas economistas ao propiciarmos à sociedade um novo período de crescimento. Temos consciência de que este esforço intelectual e gerencial de aplicação dos conhecimentos macroeconômicos decidirá nossas vidas no futuro, pelo menos no que tange a nossa saúde econômico-financeira. O momento é grave e precisa de nós, o que significa conduzirmos a gerência da Administração Pública alinhados com preceitos firmemente conhecidos e sobre os quais a Macroeconomia obteve consenso.

Para o melhor entendimento destas questões, organizamos este livro em seis Unidades. São elas:

- ▶ **Unidade 1:** apresenta os fundamentos, os problemas e os modelos macroeconômicos.
- ▶ **Unidade 2:** aborda assuntos da Contabilidade Nacional e introduz os elementos para análise contábil, economia aberta e fechada. A ênfase pretendida é a de mostrarmos como se faz a mensuração da atividade econômica, introduzindo conceitos como renda, poupança, investimento, tributação, exportações e importações.
- ▶ **Unidade 3:** enfatiza os determinantes da demanda e da oferta agregada. Este é o ponto central do livro, que vai permitir a operacionalização das ferramentas da Macroeconomia que serão vistas nas Unidades seguintes.
- ▶ **Unidade 4:** explora um desdobramento dos determinantes da demanda e da oferta agregada, apresentando uma ferramenta específica e de alto poder de modelagem – as curvas IS-LM. Vamos precisar de um pouco de paciência para entendermos porque é dada tanta ênfase a este desdobramento numérico e gráfico contido nas curvas IS-LM. Quando chegarmos neste ponto você vai se surpreender com a elegância dessa técnica gráfica, que reproduz, de maneira mais abrangente, as mesmas considerações das curvas de oferta e demanda agregadas dos capítulos anteriores.
- ▶ **Unidade 5:** trata especificamente do item inflação, porém acrescentando um elemento a mais na ementa da disciplina que é a questão do desemprego, pois este é um tema central nas sociedades modernas. Apesar do caráter conceitual deste capítulo, ele é apresentado também na forma de mais um instrumento de análise macroeconômica – as curvas de oferta e demanda inflacionárias.
- ▶ **Unidade 6:** momento final do livro, quando encontramos reunidas todas as Unidades anteriores

dentro do tema de Políticas econômicas. Esse tema visa englobar os elementos da ementa correspondentes aos itens moeda, juros, renda (no que concerne à política monetária), papel do governo (no que concerne à política fiscal) e equilíbrio geral; e dar a você uso prático e objetivo das ferramentas apresentadas anteriormente.

Esperamos que você tenha uma ótima experiência ao percorrer estes caminhos da economia. Note que ao falarmos de Macroeconomia estamos falando também sobre a vida de cada um de nós, sobre a solução dos problemas nacionais e a eliminação daqueles aspectos que mais nos incomodam, como a desigualdade de renda no Brasil e o progresso marcado por momentos de euforias e crises. Iremos entender como, no longo prazo, os fatores de produção adequadamente reunidos e gerenciados garantirão um futuro melhor para todos nós. E, se a partir de sua experiência pessoal e dos conhecimentos adquiridos nesta disciplina você puder melhor administrar estes fatores de produção, teremos cumprido nossa missão com a redação destes capítulos.

Professor Luiz Fernando Mahlmann Heineck

UNIDADE 1

MACROECONOMIA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Ao finalizar esta Unidade você deverá ser capaz de:

- ▶ Discutir os fundamentos da análise macroeconômica, os problemas macroeconômicos e os modelos macroeconômicos, culminando com a discussão sobre as formas radicalmente distintas de entender a economia a partir dos ensinamentos de Keynes;
- ▶ Entender a extensão e as diversidades dos conteúdos desta disciplina, sua formação histórica e as correntes de pensamento que deram suporte a seu desenvolvimento teórico; e
- ▶ Valorizar o bom senso como um dos ingredientes básicos de condução de ações macroeconômicas.

INTRODUÇÃO

Caro estudante,

Estamos iniciando esta disciplina compreendida como parte da espinha dorsal do curso de Administração Pública que começou com a *Introdução à Economia* e terá sequência com a *Economia Brasileira*, no próximo módulo. Este encadeamento de disciplinas é importante já que você observará que este livro de Macroeconomia não lança mão de exemplos relativos à economia brasileira, deixando isto para essa próxima disciplina. Da mesma forma, este livro não utiliza exemplos de outras economias, principalmente da economia norte-americana, como ocorre na maioria dos livros citados nas Referências bibliográficas deste curso. Os gráficos, quando apresentados neste livro, são genéricos e não correspondem à nenhuma economia em particular. No entanto, sempre que possível mostraremos que estes gráficos têm valores que se aproximam daqueles que podemos encontrar em consulta a *sites* de informações, como indicado ao longo do texto. Em resumo, os gráficos têm formatos e valores que são próximos daqueles que podem ser encontrados nas discussões sobre Macroeconomia em vários países.

A Macroeconomia será vista também em *Teoria das Finanças Públicas e Orçamento Público*, disciplina esta que corresponde aos desdobramentos práticos e teóricos de políticas fiscais. No último módulo do curso a retomaremos na disciplina de *Políticas Públicas e Sociedade*. Por fim, a disciplina de *Relações Internacionais* compartilha conceitos com aquilo que vamos ver aqui sobre economia aberta. Em particular, podemos reconhecer que a questão de economia aberta pode ser aprofundada utilizando partes específicas das demais disciplinas deste curso de Administração Pública.

Considerando a sociedade moderna como nitidamente integrada em termos internacionais, o que é uma aspiração crescente do Brasil, veremos que estes temas podem ser tratados em paralelo em Gestão de Operações e Logística Internacionais, em Legislação Tributária e Comercial Internacional, em Negociação e Arbitragem e em Administração Estratégica. Você concorda?

Feitas estas ressalvas iniciais, vamos prosseguir com a nossa tarefa de entender a extensão e a diversidade dos conteúdos desta disciplina, sua formação histórica e as correntes de pensamento que deram suporte ao seu desenvolvimento teórico.

Vamos começar? Bons estudos.

O campo da Macroeconomia, pela sua importância, atinge proporções acadêmicas significativas dada a sua intensa e variada produção científica capitaneada pelas universidades norte-americanas. Este imenso desenvolvimento faz com que tenhamos a impressão de que existe pouco consenso na área ou de que basta uma teoria ser estabelecida para que logo surja outra que derrube as suas conclusões ou introduza novos enfoques sobre o tema. No entanto, isto não deve fazer com que você perca a confiança nos ensinamentos da economia, segundo uma ou outra corrente. Você perceberá que é sempre possível demonstrarmos que os pontos em comum superam em muito as divergências, e nos conduzem a vários consensos.

Da mesma forma, se nós as vezes apresentamos os conteúdos de forma crítica, ou mesmo cínica, isto é apenas para que você seja instigado a refletir. Seria um grande desserviço fazê-lo acreditar, ao final desta disciplina, que a Macroeconomia é formada por um entrelaço de opiniões, por conversas com poucos fundamentos teóricos, pela crença em gurus e profetas que têm soluções para todos os problemas econômicos. Também seria um desserviço acreditarmos que a economia somente é aplicada ao senso comum e às verdades que tomamos como sólidas vindas de nossa educação em casa.

Desta maneira, precisaremos ao longo do tempo mostrar as contribuições positivas da **ciência macroeconômica** para a estabilidade das sociedades, criando condições para o seu desenvolvimento sócioeconômico. No entanto, como uma primeira aproximação para o entendimento de problemas econômicos, devemos raciocinar com regras de bom senso e com os ensinamentos que trazemos acerca de como conduzimos nossas vidas econômicas. Podemos, por exemplo, argumentar que um pouco de endividamento público, assim como de endividamento pessoal, não são necessariamente ruins; no entanto, uma dívida que cresce sistematicamente não pode levar a outra coisa senão um colapso da economia ou de nossas finanças pessoais.



Devemos respeitar o desenvolvimento científico da área buscando aprofundamento, em um primeiro momento, na bibliografia indicada.

Vários são os ensinamentos que recebemos desde jovens em nossa educação que podem ser relacionados à economia: acordarmos cedo para começar a trabalhar; não gastarmos mais do que ganhamos e economizarmos para termos uma poupança. Quais são os outros ensinamentos que trazemos conosco e que poderiam servir de conselho para um dirigente econômico?

Cada vez mais a Macroeconomia se aproxima da Microeconomia, procurando avaliar como decisores individuais (famílias, organizações, agentes do governo, exportadores e importadores) se comportam nos mercados. Nesse sentido, é importante começarmos pela nossa experiência pessoal para julgarmos algumas das assertivas macroeconômicas mais modernas, a partir de conceitos microeconômicos. É o caso, por exemplo, de você buscar saber se pouparia mais ou menos diante de taxas de juros maiores do que as que você poderia receber pelo dinheiro emprestado ao banco. Por um lado, sendo as taxas de juros atrativas, há um incentivo maior para poupar. Por outro, sendo os juros maiores, facilmente poderemos enfrentar compromissos financeiros no futuro, a partir de uma pequena poupança hoje.

Considerando estas condições, o melhor dos dois mundos seria continuarmos consumindo hoje, mas acumulando uma pequena poupança para nos prevenir diante de eventuais compromissos futuros. Esta proteção é dada pelo potencial de ganhos desta poupança diante de juros elevados. Você concorda?

Esta é uma pergunta que o bom senso não consegue resolver sem o aporte dos desdobramentos teóricos da Macroeconomia. Por enquanto, podemos adiantar que para a solução desta questão a teoria afirma que uma taxa maior de juros não necessariamente leva a uma poupança maior por parte dos indivíduos.

DEFINIÇÃO DE MACROECONOMIA

Você já deve ter percebido a proliferação, nas grandes cidades, de livrarias e de *sites* que nos possibilitam acesso a livros publicados no passado e principalmente nos últimos anos. O mercado editorial também cresceu e as pessoas aparentemente estão frequentando estes locais e comprando mais livros.

Se nós não estivermos fazendo parte desse movimento de aculturação devemos nos questionar sobre quem são as pessoas que se dedicam ao seu crescimento intelectual. Quem tem se dedicado à leitura? Será que as pessoas estão comprando e lendo os instigantes livros de economia?

Os livros de administração empresarial e de economia são interessantes, grandes, bem impressos, coloridos, em linguagem acessível, procurando dar exemplos práticos como se fossem uma espécie de jornalismo econômico. Em particular, os livros de *introdução à Economia*, à Microeconomia e à Macroeconomia são escritos por autores de grande respeitabilidade. Em geral, são ganhadores de prêmios Nobel, assessores econômicos de governos, ministros da economia ou presidentes de bancos centrais. Essa realidade editorial nos possibilita ter a confiança de que o conhecimento gerado na área pode melhorar as chances de intervenções econômicas bem-sucedidas, pois estas estão nas mãos dos melhores profissionais. Análogamente, para grandes males grandes remédios, prescritos pelos melhores médicos!

O aprofundamento desta disciplina pode ser encontrado nos livros dos quais retiramos algumas definições para Macroeconomia. É bom salientarmos que estes livros de *Introdução à Economia* geralmente cobrem as três áreas em que esta disciplina está formatada, ou seja, micro, macro e desenvolvimento econômico. Em razão da extensão das obras, alguns autores produzem livros menores que contemplam apenas uma das partes, tipicamente encontrados como *Introdução à Microeconomia* ou *Introdução à Macroeconomia*. Um tratamento mais rigoroso para esta nossa disciplina também pode ser encontrado em livros que tenham no título apenas a palavra *Macroeconomia* ou *Macroeconomia avançada*.

Mas afinal, o que é a Macroeconomia?

De acordo com Mankiw (2008), a Macroeconomia é o estudo da economia como um todo, incluindo o crescimento em termos de renda, as variações nos preços e na taxa de desemprego. Procura oferecer políticas para melhorar o desempenho econômico e explicar os eventos econômicos. Blanchard (2007) define a Macroeconomia como o estudo de variáveis econômicas agregadas. Já Krugman e Wells (2007), no glossário de seu livro, definem Macroeconomia como o ramo da economia que trata da expansão e da retração da economia em geral. Dornbusch e Fischer (1991) colocam que a Macroeconomia trata do comportamento global da economia com períodos de recessão e recuperação.

Os autores nacionais Simonsen e Cysne (2007) não chegam a definir Macroeconomia, usando apenas a metáfora de que esta área se preocuparia em estudar a floresta, enquanto que a Microeconomia estaria voltada para o estudo das árvores. Carvalho *et al* (2008) colocam que a Macroeconomia é o ramo da economia que estuda o comportamento humano em um contexto agregativo, ou seja, trata do impacto da ação humana sobre os grandes agregados (como o mercado de trabalho ou o consumo de bens e serviços).

Concluimos que esta busca por uma definição abrangente, elegante e completa entre os grandes autores mostra-se um pouco frustrante. Não se preocupe: a leitura de qualquer um desses livros demonstraria que a qualidade destas definições deixa muito a desejar quando comparado com a excelência de seus textos. Isto pode ser explicado, talvez, porque estes autores não estejam muito preocupados com definições, preferindo investir nas ferramentas e conceitos de cada área de atuação macroeconomista.

É esta última ênfase que devemos perseguir, até porque a Macroeconomia sem aplicações e sem resultados práticos perde muito de seu sentido. Houve no passado um período conhecido como o da matematização da economia, em que se acreditava que a economia poderia ser como a física, ou seja, um entendimento da natureza a partir de leis matemáticas, sem a necessidade de aplicações práticas. Assim, podemos afirmar que a nossa disciplina pertence ao campo das Ciências Sociais Aplicadas, ou seja, são as aplicações que justificam a sua razão de ser.

Nas palavras de [Keynes](#), um economista precisa ser matemático, historiador, estadista, filósofo e tão alienado e tão incorruptível quanto um artista, embora algumas vezes tão próximo do planeta Terra como um político (MANKIW, 2008).

Podemos, por outro lado, compreender que cada governo e cada período histórico apresentam problemas econômicos diferentes – que ora podem ser a inflação, o déficit público, a recessão ou a administração de choques de oferta ou demanda. De nada vale uma definição abrangente se a cada vez o problema se apresenta de maneira particular. Como veremos ao longo desta Unidade, a Macroeconomia tem evoluído bastante, atestando ser uma disciplina ainda jovem.

**Saiba mais****John Maynard Keynes**

Nasceu em 1883, filho da alta classe média profissional vitoriana. Em 1905, graduou-se em matemática, mas, em seguida, sob a orientação de Alfred Marshall, interessou-se crescentemente por economia. Criticava os economistas de longo prazo dizendo: de que vale saber que depois da tempestade em alto mar vem a bonança? Ele referia-se a possibilidade de estabilização automática da economia no longo prazo, ou seja, que depois de períodos de crise ou de expansão da economia seria normal que esta encontrasse um curso mais previsível. O problema não era tranquilizar a população e os gestores econômicos de que no longo prazo a economia voltaria a correr normalmente e sim oferecer soluções para as crises de curto prazo. Fonte: <<http://www.econ.puc-rio.br/PDF/td454.PDF>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

A Macroeconomia na década de 1970 era considerada uma disciplina estabelecida, um campo maduro da ciência até que os choques do petróleo de 1973 e 1979 fizessem com que o mundo convivesse com dois fenômenos aparentemente contraditórios, a inflação e a recessão econômica, que ficaram conhecidos como estagflação. Este fenômeno não estava previsto nos manuais, o que abalou a credibilidade dos economistas que felizmente mais tarde encontraram explicações para a sua ocorrência.

UM POUCO DE CINISMO EM RELAÇÃO À MACROECONOMIA

Os sucessos e os fracassos das ações macroeconômicas acabaram criando frases de efeito que atentaram contra a credibilidade dos profissionais da área. Com base na ciência e no senso comum mostraremos como isto pode não ser verdade. Em seu nível mais rasteiro podemos dizer que a condução da economia de um país, no caso a brasileira, pode ser equiparada a discussão sobre a escalação da seleção brasileira de futebol: cada brasileiro tem uma opinião sobre ela, assim como cada economista também tem uma opinião pessoal sobre a economia, geralmente divergente em relação aos seus pares de como solucionar os problemas econômicos da nação.

Outros autores alegam que a Macroeconomia é uma ciência muito recente e imperfeita, cuja capacidade de prever o futuro não é melhor do que a dos meteorologistas. Em resposta, podemos afirmar que ainda assim ouvimos com atenção os boletins meteorológicos na mídia. Da mesma forma, os debates sobre a condução da economia são acalorados e atraem a atenção do público. Estes debates chamam pelo nosso posicionamento mesmo que as consequências de uma ou outra direção a serem tomadas sejam imprevisíveis.

Uma metáfora interessante é a de compararmos a condução da economia à tarefa de um comandante de navio de grande porte: este não faz curvas apertadas, não para imediatamente e com dificuldade dá início a



um processo de marcha a ré. Os movimentos devem ser previstos com grande antecedência para que o comandante possa conduzir com sucesso a embarcação em sua rota. Há a necessidade de capacidade de previsão do que vai acontecer no futuro, como quais os possíveis cursos de ação. Nesse sentido, dizem, em tom de pilhéria, que os economistas americanos foram capazes de prever com sucesso 13 das últimas oito recessões americanas. Ou seja, seus modelos econômicos refinados chegaram a prever recessões que nunca aconteceram!

Os economistas terminam contrariando aquilo que as pessoas desejavam que acontecesse no dia a dia da economia. Assim, eles são chamados para fazer o serviço desagradável de diminuir a atividade econômica nos períodos de expansão e favorecer certos tipos de atividades, com as quais em geral não concordamos, nos períodos de depressão. Eles devem agir procurando posicionar as velas da embarcação na direção contrária aos ventos. Funcionam como o contrapeso de uma embarcação: quando todos estão se dirigindo para um lado do barco para ver as mais belas paisagens, eles obrigam algumas pessoas a se dirigirem para o lado oposto a fim de manterem o equilíbrio e a navegabilidade.

As ações dos macroeconomistas são tipicamente anticíclicas, ou seja, vão em direção contrária ao crescimento ou a “depressão” da economia.

Assim, podemos afirmar que os economistas devem agir com antecedência para atenuarem os surtos de grande prosperidade (na busca de evitar uma eventual contrapartida na forma de depressões também acentuadas). Da mesma forma, os economistas advertem que não há almoço grátis, ou seja, há que se desconfiar de discursos políticos nos quais só são prometidos benefícios sem custos. Para cada ação econômica existem vantagens e desvantagens, benefícios

e custos, mesmo que estejam deslocadas no tempo acontecendo ora no curto prazo e ora no longo prazo.

Porém, “no longo prazo estaremos mortos”, como afirmava Keynes apontando que a política econômica deve se preocupar mais com o curto prazo. É difícil precisar onde afinal está o longo prazo ou quanto tempo à frente do presente ele está. Ademais, com o passar do tempo nunca sabemos se já chegamos lá ou se ainda estamos no curto prazo. Os grandes nomes da literatura reconhecem as limitações da disciplina.

Dornbush e Fischer (1991) colocam que a Macroeconomia não é uma ciência fechada e pronta. Isto a torna insatisfatória para a definição de respostas rápidas a problemas econômicos. No entanto, o importante é que ela nos faça pensar exaustivamente e criticamente sobre as possíveis ações na condução da economia. Keynes arremata afirmando que a teoria econômica não tem conclusões prontas, é antes de tudo um método.

UMA ÚLTIMA TRINCHEIRA

Mesmo que tenhamos críticas e desconfianças em relação às certezas da Macroeconomia é importante contarmos com o apoio desta disciplina para melhor gerenciarmos as nossas ações como administradores públicos. Podemos aceitar que a Macroeconomia seja incapaz de conduzir os rumos de uma sociedade, mas existem alguns fatos para os quais temos opiniões firmes. Por exemplo, que a economia visa buscar à utilização ótima de recursos entre atividades alternativas. Logo, em uma recessão, cujos recursos – mão de obra, capital e capacidade gerencial – ficam desempregados, há um desperdício para todos.

Por outro lado, o desemprego de recursos faz com que estes percam qualificações: é o caso da mão de obra que perde seu treinamento, dos gerentes que ficam desatualizados e das máquinas que terminam estragando por estarem paradas. Precisamos enfrentar as questões de desemprego principalmente quando seus valores elevados podem determinar comoções sociais. Assim, não abrimos mão da ação dos economistas para diminuir o desemprego na sociedade.

Também não abrimos mão da ação dos economistas para lidar com a inflação. A alta desenfreada de preços, no que se configurou chamar de inflação de dois dígitos (acima de nove por cento ano, mas mais especificamente acima de nove por cento ao mês) e a **hiperinflação*** que desestabiliza o sistema econômico e introduz custos e dificuldades operacionais para a sua condução (correção monetária, troca de moeda e incapacidade dos sistemas contábeis trabalharem com valores expressos em números grandes).

***Hiperinflação** – inflação acima dos níveis considerados suportáveis, ou seja, em torno de 50% ao mês. A forte desvalorização da moeda e a alta dos preços dos produtos são alguns dos problemas que enfrenta um país com hiperinflação. Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, não há como aceitar inflações elevadas, mesmo que se tenha aprendido a conviver com elas, como é o caso brasileiro até 1994. Claramente algumas pessoas têm dificuldades para fazerem os seus cálculos e buscarem proteção no sistema bancário para o seu dinheiro criando um quadro de injustiça social. Alguns convivem bem com a inflação e dela se beneficiam, enquanto outros são por ela prejudicados. Apesar destas repercussões pessoais divergentes há consenso de que o combate à inflação é uma das grandes missões da Macroeconomia.

As dificuldades impostas ao comércio pela desestruturação de mercados, pela falta de respeito a contratos, pelas dificuldades de crédito ou até mesmo pela falta de meios para o pagamento das trocas contrariam um dos aspectos básicos da economia, ou seja, de que o comércio pode ser favorável a todos os envolvidos. Em termos mais modernos, o incentivo ao comércio internacional deve existir. A Macroeconomia é chamada a se posicionar e geralmente favorecer o aumento dos mecanismos de troca, como comércio internacional, crédito comercial, diminuição de despesas com frete e logística e melhoria de seguros para riscos relativos às exportações e importações.

Não é possível usufruirmos por muito tempo de investimentos em capital físico feitos na sociedade sem que estes não sejam renovados. Os equipamentos, prédios e tecnologias perecem ao longo do tempo e precisam ser atualizados. Sendo assim, o que a população deve fazer?

Diante deste cenário, a sociedade deve permanentemente poupar recursos para fazer frente a esta perda natural. Esta poupança é suplementar àquela que é necessária para acrescentar novos itens de infraestrutura e equipamentos aos já existentes. É inquestionável a existência de uma poupança mínima que reponha os bens de capital existentes na sociedade e o aumento de seu estoque, se é que se deseje o aumento da produção e não só

sua manutenção nos padrões atuais. Mantermos a produção nos níveis atuais ao longo de grandes períodos de tempo é considerada uma má política econômica. Ainda hoje consideramos que o crescimento é natural para qualquer economia.

Respeitadas estas condições mínimas exigidas para o funcionamento de uma sociedade, podemos solicitar à Macroeconomia que trate de aspectos mais sofisticados, como os listados na seção a seguir.

PROBLEMAS MACROECONÔMICOS FUNDAMENTAIS: UMA LISTA CURTA E UMA LISTA LONGA

Os problemas macroeconômicos fundamentais lidam com a modelagem, o entendimento e a eventual elevação/diminuição de variáveis como:

- ▶ Produto Interno Bruto.
- ▶ Taxa de inflação.
- ▶ Taxa de juros.
- ▶ Taxa de câmbio.
- ▶ Taxa de desemprego dos recursos produtivos, em especial da mão de obra.

Esta lista curta pode ser expandida para uma lista longa envolvendo outras variáveis. São elas:

- ▶ Produto potencial.
- ▶ Amplitude dos ciclos econômicos.
- ▶ Produto interno bruto *per capita*.
- ▶ Distribuição de renda.
- ▶ Taxa de inflação nominal.
- ▶ Índices de correção monetária da inflação e indexadores de preços.

- ▶ Taxa de juros nominais.
- ▶ Gastos públicos.
- ▶ Orçamentos públicos equilibrados (adequação entre despesas e receitas).
- ▶ Taxa de poupança e de investimento em relação ao produto interno bruto.
- ▶ Quantidade de moeda em circulação na economia.
- ▶ Velocidade de circulação da moeda.
- ▶ Participação dos impostos no produto interno bruto.
- ▶ Gastos de governo.
- ▶ Taxa de desemprego natural.
- ▶ Ociosidade das instalações fabris.
- ▶ Salários médios do fator trabalho.
- ▶ Paridade cambial em relação a uma cesta de moedas estrangeiras.
- ▶ Valorização de ativos mobiliários e não mobiliários.

A Macroeconomia visa em geral estabilizar estas variáveis, determinar seu crescimento a taxas constantes ou atingir metas que possam ser consideradas saudáveis, por exemplo, um certo nível de desemprego e um certo nível de taxa de juros.

Sendo assim, podemos evidenciar que não é exigido da Macroeconomia nenhuma garantia de sucesso na correta análise dos itens da lista, na escolha de políticas para implantação de reações às situações analisadas e o posterior monitoramento dos resultados a alcançar. Apesar de apresentar um programa frouxo de exigências, é com ele que os macroeconomistas devem exaustivamente se ocupar.

Agora que você conhece a lista de problemas será que poderia se recordar das metas macroeconômicas?

Vamos recordar! As metas macroeconômicas envolvem o alto nível de emprego, a estabilidade de preços, a distribuição justa da renda e o crescimento econômico.

SUCESSOS E FRACASSOS MACROECONÔMICOS

A partir do que foi apresentado na disciplina *Introdução à Economia*, podemos afirmar que a economia tem como fim último o bem-estar geral. Com base nesta afirmação, a Macroeconomia toma como medida de sucesso/fracasso os valores atingidos por algumas das variáveis anteriores e principalmente a variabilidade em torno de suas linhas de tendência. Foram exemplos notórios de fracasso na condução da Macroeconomia de uma sociedade:

- ▶ a hiperinflação, como as ocorridas na Alemanha na década de 1920 e nos países latino-americanos na década de 1980;
- ▶ o crescimento e a eventual falta de pagamento de dívidas externas;
- ▶ os picos de taxas de desemprego;
- ▶ as maxidesvalorizações cambiais; e
- ▶ os surtos de falências bancárias.

É de bom senso pensarmos que as discontinuidades citadas não são normais e não devem fazer bem para a economia e para os cidadãos. Contudo, podemos argumentar que alguma coisa deveria ter sido feita para minimizá-las. Somente alguns economistas radicais diriam que a economia deve sofrer seus altos e baixos sozinha, sem nenhum auxílio, acreditando que esta é a forma mais correta e rápida de encontrar a sua autodepuração.

Por outro lado, podemos apontar uma série de histórias de sucesso de ações macroeconômicas. O problema é encontrarmos as relações de causa e efeito que possam assegurar que estas situações de aparente sucesso tenham decorrido de ações macroeconômicas implantadas. Poderíamos argumentar ainda que elas ocorreram pelo funcionamento autônomo da economia, sem a influência de seus atores encarregados da condução da política econômica. Ainda assim, seria possível, em parte, creditarmos à Macroeconomia as ações que as tornaram possíveis, tais como:

- ▶ a estabilidade econômica e das taxa de inflação do Brasil depois de 1994;
- ▶ as taxas de crescimento da economia brasileira ao longo do século passado até o início da década de 1980;
- ▶ a diminuição das oscilações do produto interno bruto dos EUA na década de 1990 e o aumento do intervalo entre crises, quando comparado com décadas anteriores;
- ▶ as altas taxas de crescimento do Japão no passado e da China atualmente;
- ▶ a recuperação dos EUA e dos países europeus da Grande Depressão de 1929; e
- ▶ a reconstrução e a recuperação econômica da Europa no pós-guerra (Segunda Guerra Mundial).

Se estes eventos de sucesso podem ser atribuídos à Macroeconomia, precisamos conhecer suas ferramentas. Como estamos preocupados com o momento atual marcado por uma **crise econômica** potencialmente proporcional àquela ocorrida em 1929, é interessante relatarmos a você o desenvolvimento da Macroeconomia antes e depois deste evento histórico.

Para saber mais sobre a crise de 1929 na qual do dia para a noite investidores milionários perderam tudo o que tinham em ações sem o menor poder de compra, acesse: <<http://www.brasilecola.com/historiag/crise29.htm>>.



ANTECEDENTES DA MACROECONOMIA

A sucessão de nações poderosas no mundo passando pelos Persas, Egípcios, Gregos, Romanos, Portugueses e Espanhóis deve estar ligada aos fatores econômicos tanto ou mais do que aos de natureza meramente política e militar. No entanto, faltam dados de natureza econômica para avaliarmos as expansões e crises daquelas economias e as intervenções econômicas realizadas. Vamos, nesta seção, explorar estes antecedentes.

O RECONHECIMENTO DA VISÃO DE MERCADO

Precisamos antes considerar que as informações sobre a saúde econômica das nações que permitiriam avaliar os seus ciclos econômicos e a conseqüentes expansões dos seus poderes só passaram a ser coletadas a partir de 1850. Um pouco antes disto, Smith, em 1776, deu um título sintomático para sua obra seminal da moderna economia, a **Riqueza das Nações**. Com esta colocação quis inferir que a riqueza não era determinada pelo acúmulo de metais, como no período do mercantilismo, mas sim pela organização social baseada na divisão do trabalho e nas motivações pessoais de seus cidadãos.

A evolução da ciência econômica a partir daí cria a figura de vários mercados cujo equilíbrio estaria sempre garantido. Estes mercados expressam e buscam o equilíbrio de duas quantidades fundamentais: as quantidades de itens e o preço destes itens; sendo



Você pode ter acesso a versão eletrônica desta obra no site <<http://www.reidoebook.com/2009/03/riqueza-das-nacoes-adam-smith.html>>.

que estes podem ser bens e serviços, moeda, câmbio, títulos e mão de obra (ou trabalho). Explicamos cada um deles, a seguir, acrescentando comentários que permitam a você entender como estes mercados podiam manter o seu equilíbrio no passado:

- ▶ **Mercado de bens e serviços:** eram estabelecidos as quantidades e os preços de equilíbrio de bens e serviços em mercados individuais: o somatório de todos os mercados de bens e serviços redundava em um grande hipotético mercado, cujas leis de oferta e procura determinavam o produto da economia (quantidades totais) e o nível geral de preços (uma espécie de índice de preço médio de todas as mercadorias e serviços).
- ▶ **Mercado de moeda:** eram estabelecidas as quantidades totais de moeda em circulação e a taxa de juros (o preço do dinheiro). No passado era vigente o padrão ouro, ou seja, toda moeda em circulação deveria estar lastreada (assegurada, respaldada, duplicada) por igual quantidade de ouro em depósito ao governo. Isto dava certa rigidez à quantidade de moeda que poderia circular e ser emitida. Havia também a teoria quantitativa da moeda, ou seja, a noção de que a quantidade de produto gerado ao longo de um ano na economia tinha forte correlação com a quantidade de moeda existente.
- ▶ **Mercado de câmbio:** em função do padrão ouro, as transações internacionais eram feitas fisicamente com este metal. Cada país fixava o preço de suas mercadorias na sua moeda interna e esta tinha uma base fixa de troca por ouro.
- ▶ **Mercado de títulos:** era pouco sofisticado, envolvia principalmente os títulos emitidos pelos governos. Nestes mercados eram estabelecidos as quantidades totais de títulos negociados e o seu preço. Existiam

***Teoria dos Fundos Emprestáveis** – visa determinar as taxas de juros em uma economia, colocando em contrapeso as razões pelas quais alguns indivíduos pouparam e outros tomam dinheiro emprestado. Teve sua origem no trabalho de Irving Fisher em 1930. Fonte: Elaborado pelo autor.

ainda as operações bancárias simples como empréstimos e desconto de duplicatas. O equilíbrio entre os agentes superavitários da economia e os deficitários se realizava nos mercados de títulos de maneira simples, por meio da **Teoria dos Fundos Emprestáveis***.

- ▶ **Mercado de trabalho:** neste mercado era estabelecida a quantidade total de trabalhadores dispostos a trabalhar e o seu salário, ou seja, o preço do trabalho. Este mercado de mão de obra era o somatório de mercados particulares de cada setor agrícola, industrial e de serviço. À época a atividade econômica promovia o pleno emprego, arregimentando, inclusive, mulheres e crianças de cada domicílio que pudessem complementar a oferta de mais mão de obra diante de sua inesgotável demanda, como ocorreu na primeira e segunda revoluções industriais.

O FUNCIONAMENTO DOS MECANISMOS DE MERCADO

Um economista notável estudado na disciplina *Introdução à Economia*, Jean Baptiste Say, criou a máxima de que a oferta gera a sua própria demanda. A economia sempre estaria em equilíbrio e em pleno emprego à medida que houvesse produção. Os pagamentos efetuados para os agentes econômicos detentores dos recursos empregados na produção eram a garantia de sua circulação pela economia. Desta forma, depois de terem recebido o pagamento pela cessão de recursos de produção, os donos destes recursos voltariam ao mercado para gastá-los na compra de bens que necessitassem o que demonstrava que no século XIX não havia grande preocupação com a condução da economia. Pela teoria clássica a partir de Adam **Smith, Mills, Marshall e Say** os vários mercados buscariam o equilíbrio e haveria sempre o pleno emprego, teoricamente.

Procure lembrar o que você estudou na disciplina de *Introdução à Economia* sobre estes economistas.



No entanto, a partir do início da coleta de dados da estatística econômica, os economistas começaram a perceber que existiam ciclos econômicos de expansão e retração da economia. A Macroeconomia poderia ser chamada então de Teoria dos Ciclos Econômicos. Estes ciclos frequentes cujos efeitos eram sentidos por todos, determinavam em seus momentos de crises o desemprego, a fome e a falência das organizações. Os economistas acreditavam que estes ciclos fossem naturais e teriam até um aspecto depurador da economia promovendo ajustes e afastando as organizações não estruturadas e os recursos de menor qualidade. A sociedade vivia em pleno esplendor as teorias de Darwin (a seleção natural das espécies) o que podia ser estendido também para as organizações, empresários e trabalhadores.

Outra característica importante do estudo da Macroeconomia no século retrasado era a influência ainda preponderante da atividade agropastoril. Esta era a principal atividade econômica e os determinantes de oferta estavam ligados principalmente ao clima que impunha boas ou más colheitas, épocas de boa engorda do gado no campo e épocas de vacas magras. As dificuldades de transporte impediam o alastramento das fronteiras agrícolas de maneira que a quantidade produzida também não respondia a demanda, mostrando-se fixa ao longo do tempo. O alastramento das fronteiras só se tornou possível com a revolução nos transportes determinada pela construção de ferrovias.

Naquele momento não havia muito incentivo intelectual para a criação de uma disciplina que enxergasse completamente a economia. Esta ausência se tornou fatal quando ocorreu mais uma “depressão” dos ciclos econômicos, neste caso, a quebra da bolsa de Nova York em outubro de 1929. Este momento marcante da história econômica encontrou nos economistas um conjunto de respostas totalmente contrárias ao que hoje se esperaria para a solução de uma crise semelhante, entre as quais:

- ▶ o incentivo para que os governos mantivessem os seus orçamentos equilibrados com despesas de acordo com suas receitas. As receitas tributárias estavam

diminuindo devido à crise econômica e consequentemente as despesas governamentais deveriam ser reduzidas no mesmo ritmo;

- ▶ o aumento dos percentuais de impostos para contrabalançar a diminuição de arrecadação;
- ▶ a estabilidade no valor da moeda para evitar a inflação que poderia ser mais um complicador na gestão da economia;
- ▶ o incentivo à poupança pessoal como forma de cada indivíduo prevenir-se diante de um possível agravamento da crise;
- ▶ a liberdade total de mercado com nenhuma intervenção governamental para permitir que a economia voltasse o mais rapidamente possível ao seu equilíbrio, promovendo a sua correção de maneira natural;
- ▶ as barreiras alfandegárias e de proteção à economia de cada país envolvido, na expectativa de que isto aumentasse a demanda por bens produzidos internamente no país;
- ▶ a postergação dos investimentos na busca de um cenário econômico mais promissor no futuro entesourando recursos que poderiam estar em circulação; e
- ▶ a quebra de instituições bancárias com a consequente diminuição do crédito bancário, acreditando que com isso fossem permanecer no mercado apenas as organizações mais sólidas.

Logo, as políticas econômicas que viessem a ser utilizadas a partir dos conceitos citados só poderiam aprofundar a crise como de fato ocorreu alguns anos após o ano de 1929. No entanto, dois fatores tornaram possível a recuperação econômica: a existência de assessores econômicos de governo que acreditavam que este deveria ter um papel mais proeminente na economia, tomando suas

rédeas, intervindo, promovendo o consumo e o investimento; e o prenúncio da Segunda Guerra Mundial que determinou um aumento da demanda devido aos preparativos para a guerra.

Em paralelo, em 1936, foram formalizadas as ideias de Keynes que uma vez aplicadas naquele momento poderiam ter antecipado em muito a recuperação dos Estados Unidos, da Europa e do resto do mundo. Neste momento, as ideias keynesianas assumiram o formato de uma teoria econômica abrangente, ainda que não tenham sido utilizadas na íntegra para o enfrentamento dos problemas econômicos daquela década.

O SURGIMENTO DA MACROECONOMIA MODERNA – JOHN MAYNARD KEYNES

Os graves desdobramentos da crise de 1929 clamavam por respostas dos economistas, mas estes não as tinham ou se as tivessem, estas se mostrariam contraproducentes. Esta falta não impediu o desenvolvimento da Macroeconomia Moderna, como veremos a partir dos ensinamentos de Keynes, um economista britânico que influenciou esta ciência efetivamente por meio de suas ideias.

OS CONDICIONANTES PARA O SURGIMENTO DE UMA NOVA DISCIPLINA NO CAMPO DA ECONOMIA

Keynes participou de grandes acordos internacionais que visavam às reparações de guerra do primeiro conflito mundial de 1914 a 1918. Embalado pela efervescência acadêmica de sua posição na Universidade de Cambridge (ocupava a mesma cátedra que tinha tido como titular Alfred Marshall) testemunhou a amigos que acreditava estar escrevendo algo que revolucionaria a teoria econômica até então.

A sua previsão estava certa e isto foi o que realmente aconteceu quando de sua publicação em 1936, apesar de ser um livro de difícil leitura e sujeito a interpretações. Esta dificuldade e ambiguidade fizeram com que a operacionalização de sua teoria levasse algum tempo até que fosse viabilizada. Assim quando ela

efetivamente estava pronta já não era mais necessária, pois o mundo já havia voltado ao pleno emprego e ao crescimento do produto, diante do esforço preparatório para a Segunda Guerra Mundial.

Contudo, o keynesianismo passou a dominar a agenda acadêmica nas décadas de 1940 e 1950, tendo encontrado aplicações práticas através dos consultores econômicos do governo Kennedy no início dos anos 1960. Seu declínio ocorreu com o surto de grandes inflações do final da década de 1960 e início de 1970 em função da persistência da operação da economia ao pleno emprego e dos choques do petróleo. A partir de então novas teorias macroeconômicas surgiram, as quais analisaremos no final desta Unidade.

Mas afinal, no que consiste a genialidade desta teoria tão revolucionária e duradoura?

De acordo com a literatura a respeito desse grande economista inglês, podemos resumidamente elencar os principais avanços propostos por Keynes. São eles:

- ▶ Que há equilíbrio abaixo do pleno emprego se mantivermos recursos produtivos não empregados (notadamente mão de obra). As teorias anteriores afirmavam que o equilíbrio tenderia ao ponto de pleno emprego, à medida que os recursos produtivos aceitassem remunerações mais baixas, fazendo com que nenhum deles ficasse desempregado. Neste caso específico, a mão de obra aceitaria salários menores de maneira que ninguém ficaria sem trabalhar em caso de uma depressão. Também de acordo com as teorias anteriores a Keynes, as pessoas exigiriam e rapidamente obteriam salários mais elevados em caso de expansão.
- ▶ Que os recursos produtivos têm suas remunerações inflexíveis a curto prazo, visto que a mão de obra, em particular, não aceitaria trabalhar por valores meno-

res do que o determinado pelo piso, mesmo que isto significasse que uma parcela da mão de obra fosse ficar desempregada.

- ▶ Que a ativação da demanda agregada é o principal instrumento econômico. No caso à época, como a preocupação era com a recessão caberia aumentar a demanda agregada, ou seja, a demanda total, a somatória da demanda de todos os mercados. Não é muito importante que esta demanda cresça de maneira proporcional nos vários mercados, mas sim que ela aumente. Isto faz com que a demanda possa ser aumentada mesmo para a produção daqueles bens que não são considerados essenciais à economia: é o caso, por exemplo, da conservação de vias públicas, do ajardinamento e construções públicas em geral. O importante seria achar focos de ativação da demanda para que esta cresça.
- ▶ Que a demanda gera a compra de produtos que terminam remunerando os fatores de produção que participaram de sua produção. Estes fatores vão ao mercado para consumir novos bens, o que gera novas demandas, novas remunerações e novos consumos. Isto criaria uma cascata de impulsos de consumo que seria representada por uma ampliação, por um multiplicador da demanda inicialmente provocada.
- ▶ Que a demanda agregada é formada não só pelo consumo e sua multiplicação, mas também pelos gastos de investimento. Estes poderiam ser modelados em paralelo ao mercado de poupanças, ou seja, não haveria uma ligação instantânea entre a poupança de uma economia e os investimentos realizados. É o caso dos investimentos realizados pelo governo para ativar uma economia, que podem ser ativados no curto prazo a partir de emissão de moeda ou de empréstimos externos.

- ▶ Que pode haver entesouramento de recursos. As poupanças poderiam não ser canalizadas para o setor bancário por haver preferência pela liquidez, ou seja, as famílias poderiam desejar manter consigo os valores monetários.
- ▶ Que as expectativas são muito importantes por afetarem o consumo e o investimento. Keynes criou a expressão “instinto animal” para explicar as motivações de consumidores e investidores para fazerem suas compras. Elas estariam ligadas à ânsia de ganhar mais, de ficar em uma posição melhor no futuro. Isto, na sua concepção, estava fortemente baseado na crença de que a economia em geral tende a crescer.
- ▶ Que a ênfase é dada ao curto prazo, pois a veia prática de Keynes fazia com que ele elaborasse propostas a fim de resolver os problemas de sua época, já que ele era um espectador privilegiado por participar ativamente de comissões de estudo e conferências em busca de soluções para os problemas econômicos da década de 1920. Ele não tinha interesse no longo prazo, campo que em princípio estaria coberto pela teoria clássica do século anterior.
- ▶ Que as flutuações de curto prazo estariam ligadas aos ciclos ao longo dos quais os negócios eram realizados. Dito de outra maneira, uma ativação da economia por conta do aumento da demanda agregada poderia determinar algumas rodadas de negócios ao longo do tempo, até que seus efeitos fossem atenuados e a economia voltasse a ter um novo equilíbrio. Os ganhos que ocorreriam ao longo destas rodadas poderiam representar uma acumulação para certas variáveis econômicas, como mais empregos, mais infraestrutura, mais meios de pagamento e mais crédito que beneficiassem os negócios para além do ciclo de rodadas do período de estabilização no curto prazo.

- ▶ Que o caráter dinâmico da visão da Macroeconomia vai aproximá-la da Microeconomia, na medida em que é necessário entender como os negócios são feitos ao longo dos ciclos. Por outro lado, desta aproximação vão residir as grandes controvérsias das várias escolas do pensamento macroeconômico moderno, em contraste com a relativa convergência de opiniões quanto ao equilíbrio no longo prazo. Keynes, em termos acadêmicos, não poderia desconsiderar este ente abstrato que é o longo prazo, porque as flutuações de curto prazo ocorriam em torno das tendências dos prazos mais longos. Mas, em termos práticos, o longo prazo é apenas uma construção teórica, pois a análise realizada aqui e agora não tem como prever o futuro.
- ▶ Que exista a possibilidade de a curva de oferta de curto prazo ser positivamente inclinada, ou seja, que as alterações realizadas nos preços das mercadorias vendidas possam conduzir a oferta levemente maiores ou menores da quantidade de produto, apenas pelo desejo de o empresário usufruir deste preço maior ou de desinteressar-se de produzir grandes quantidades quando os preços caem.

Anteriormente a curva de oferta de longo e de curto prazo eram uma só, ou seja, uma reta vertical traçada sobre o ponto do eixo das abscissas que indicava a capacidade máxima de produção da sociedade, quando todos os recursos estivessem empregados. Estes seriam empregados a qualquer preço uma vez que os detentores dos recursos aceitariam preços maiores ou menores dentro daquilo que as receitas de venda dos produtos permitiriam. Não haveria motivo para um recurso ficar desempregado, pois a alternativa seria de o detentor ter um ganho igual a zero quando poderia estar ganhando alguma coisa, ainda que de pequena monta. A convicção anterior era a de que a quantidade de produto

ofertada na economia era sempre a mesma e era determinada pela produtividade dos recursos empregados.

Pelas teorias de desenvolvimento econômico, a produtividade dos recursos só se alteraria no longuíssimo prazo, depois que a economia tivesse sido capaz de gerar inovações tecnológicas, experimentá-las, aplicá-las em escala industrial e disseminá-las para um conjunto representativo de indústrias. Só então o produto poderia aumentar de forma significativa. Keynes insistia que a oferta sofria alteração constante no curto prazo, dependendo dos preços praticados para os produtos e para a remuneração dos fatores de produção.

Mas o que você entende por prazo? Como classificá-lo como curto ou longo?

Para podermos melhor explicar as diferenças nas análises entre o curto e o longo prazo é importante considerarmos as diversas classificações e nomenclaturas existente na literatura. O curto prazo é o período de tempo em que apenas uma variável do modelo econômico é alterável, permanecendo as demais de forma constante. É tipicamente um período que vai de seis meses a três anos. O longo prazo é o período de tempo em que todas as variáveis podem mudar menos a base tecnológica e institucional da sociedade. É um período que vai de três a dez anos.

Por fim, os prazos ligados ao desenvolvimento tecnológico são aqueles que assistem a mudança da base tecnológica da sociedade e de suas instituições, compreendendo períodos de dez a 50 anos. Para citarmos apenas dois autores, Mankiw (1999) dá a esta periodização o nome de curto, longo e longuíssimo prazo; Blanchard (2007) prefere chamar de curto, médio e longo prazo.

UM DESDOBRAMENTO IMPORTANTE: AS CURVAS IS-LM



Saiba mais

John Richard Hicks

Economista britânico. Ganhador do prêmio Nobel de Economia (1972) por suas contribuições pioneiras na teoria do equilíbrio econômico geral e a teoria do bem-estar social, dividido com Kenneth Joseph Arrow. Em sua carreira pesquisou diversos assuntos os quais se destacam: expectativas, equilíbrio e desequilíbrio; preços fixados e a teoria dos mercados; dinâmica: mudanças, flutuações e crescimento; trabalho, produção e substituição; capital e acumulação; moedas, finanças e liquidez; Keynes e economia keynesiana; causalidade econômica: circunstâncias e explicações; e história econômica. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EcJohnRH.html>>. Acesso em: 3 mar. 2010.

Até então os economistas trabalhavam com as clássicas curvas de oferta e demanda tanto para mercados individuais como em seu somatório para toda a economia, envolvendo os mercados anteriormente citados de (1) bens e serviços, (2) títulos, (3) moeda, (4) câmbio e (5) mão de obra. Contudo, havia a necessidade de um modelo integrador que pudesse expressar conjuntamente pelo menos os três primeiros. Um modelo desta natureza, que pudesse mostrar o aumento do produto de curto prazo também estaria ligado ao quinto modelo, ou seja, de quantidade de emprego de trabalhadores e do valor do salário médio pago a eles.

Este poderoso instrumento de análise não foi desenvolvido por Keynes, e sim oferecido por [Hicks](#), um autor que o seguiu. Hicks propôs as curvas IS-LM como sendo uma

interpretação possível daquilo que se conseguia entender do emaranhado texto original de Keynes.

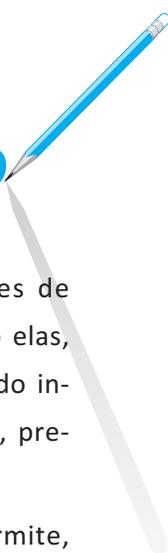
Com o objetivo de completarmos este breve apanhado histórico do desenvolvimento da Macroeconomia e de justificarmos como organizamos as Unidades que se seguem é importante lembrarmos que ao final da década de 1950 um novo instrumento foi introduzido no arsenal de ferramentas da Macroeconomia – as **curvas de Phillips**. Estas curvas relacionam a taxa de desemprego de uma economia com a de inflação.

Por conseguinte, nas Unidades 3, 4 e 5 trataremos da construção do ferramental gráfico e matemático para originarmos curvas de demanda e oferta agregadas, de curto e longo prazo, de

Neste livro utilizamos as curvas de Phillips para gerarmos curvas de oferta agregada de curto prazo.

várias formas e sujeitas a várias interpretações, ou seja, são variações em torno de um mesmo tema. Por outro lado, elas trazem a unicidade em torno da apresentação da disciplina de Macroeconomia, o que nos permitirá reduzir tudo a pontos de equilíbrio segundo as conhecidas curvas de oferta e demanda.

Resumindo



Nesta Unidade, estudamos algumas definições de Macroeconomia a fim de evidenciarmos que, segundo elas, esta ciência têm em comum a preocupação pelo estudo integrado da economia, incluindo variáveis como renda, preço e taxas de desemprego.

Conhecer as ferramentas desta ciência nos permite, em última análise, oferecer políticas para melhorar o desempenho econômico do País e explicar eventos econômicos bem ou malsucedidos.

Vimos ainda que a Macroeconomia surge como disciplina recente, fortemente baseada em Keynes, com conceitos de condução da economia no curto prazo que diferem radicalmente daquilo que pode ser compreendido a partir dos ensinamentos clássicos da Economia.

Por fim, vimos algumas extensões do estudo da Macroeconomia, como a as curvas IS-LM e as curvas de Phillips que permitem um tratamento unificado da Macroeconomia – proposta deste livro.



Atividades de Aprendizagem

Preparamos para você algumas atividades com o objetivo de fazê-lo rever o conteúdo estudado nesta Unidade. Em caso de dúvida não hesite em fazer contato com seu tutor.

1. Observando as definições apresentadas nesta Unidade, como você conceituaria o campo da Macroeconomia?
2. Quais são as metas macroeconômicas?
3. Realize uma pequena dissertação do tamanho de uma lauda, comentando a evolução histórica das várias visões do campo da Macroeconomia.
4. Quais são as principais ideias de Keynes que fundamentam a Macroeconomia moderna?